

Dando visibilidade a uma deficiência invisível

Fotos: Arquivo Pessoal



A ostomização tem ganhado as redes sociais depois que influenciadores que usam a “bolsinha” passaram a incentivar as pessoas ostomizadas a não se esconderem mais e mostrarem como a vida delas pode ser plena

POR AILIM CABRAL

Falar sobre as necessidades fisiológicas do corpo humano é sempre um tabu. Há uma infinidade de eufemismos para o ato de defecar e, até mesmo a expressão mais ensinada para as crianças, o famoso “fazer cocô”, pode receber olhares severos a depender do ambiente em que é dito. O tabu, a vergonha e a dificuldade de lidar com naturalidade com a função do corpo se expande e pode se tornar um grande obstáculo na vida de quem convive com uma ostomia de eliminação — as chamadas “bolsinhas” destinadas a receber os excrementos quando o organismo, por algum motivo, vê-se impedido de seguir o caminho natural.

O procedimento médico da ostomia caracteriza-se por uma abertura cirúrgica de um órgão interno na superfície do corpo. O tipo depende do órgão a ser exteriorizado e pode ser permanente ou temporário. Segundo o *Guia de atenção à saúde da pessoa com ostomia* (sinônimo de ostomia), criado pelo Ministério da Saúde, elas podem ser

respiratórias, de alimentação ou de eliminação.

No caso das de eliminação de fezes, os pacientes costumam enfrentar uma série de dificuldades que vão muito além das questões médicas. Se existe socialmente o constrangimento de usar o banheiro em ambientes públicos ou em assumir uma dor de barriga, conviver com a bolsa de ostomia pode se tornar um martírio.

A vida social, amorosa e profissional ganha nuances complicadas. Além da falta de acessibilidade para higienizar a bolsa fora de casa, a pessoa ostomizada enfrenta, também, o preconceito e o isolamento, muitas vezes, autoinfligidos.

Ana Paula Batista, 45 anos, presidente do Movimento Ostomizados do Brasil (MOBR) e ostomizada há 14 anos, conta que nos primeiros meses após sua cirurgia, terminou um relacionamento de anos. “Eu me sentia menos mulher, menos feminina. Sentia que eu fedia, mesmo sem isso ser verdade. Mas estar com a bolsa me trazia esse sentimento. Tinha cicatrizes na barriga e na alma, eu me sentia um lixo”, lembra, emocionada.

Além da solidão amorosa e sexual, ela sofreu

Estomias de eliminação

As estomias de eliminação consistem na exteriorização de parte do sistema digestório e urinário, criando uma abertura para a eliminação de fezes, gases e urina para o meio externo. As estomias intestinais, abordadas na matéria, podem ser ileostomias, que é a exteriorização da parte final do intestino delgado, ou colostomias, feitas no cólon e possuem subclassificação.

com a falta do ambiente de trabalho e até da família e dos amigos. Ana Paula não saía do quarto e tinha dificuldade de olhar para a bolsa na hora de trocar. “Eu não me sentia mais incluída na sociedade. A qualquer momento a bolsa poderia se soltar, me sujar. Como as pessoas reagiriam?”

Para ela, o processo de aceitação levou cerca de oito meses, e mais algum tempo até voltar a se amar. Depois de estar mais adaptada e de passar a enxergar a ostomia não como um fardo, mas como algo que a permitiu continuar viva, como uma segunda chance, Ana Paula retomou o antigo